

Jesus e o homem desfigurado pela Legião: um querigma inspirativo para a vida social e política na preservação da liberdade humana

Flávia Luiza Gomes*

Resumo:

A comunicação propõe apontar, através da análise da perícopa descrita em Marcos 5,1-20, atitudes inspirativas à convivência social e vida política que preservem a liberdade humana e não desfigurem sua imagem cristã. No convite de Jesus aos discípulos para atravessarem o lago de Genesaré se encontra o chamado para romperem as fronteiras do território judeu a fim de adentrar em terras pagãs com a propagação da boa notícia do Reino. Atravessar, portanto, o lago, é abertura ao desafio, sair de si mesmo, pensar nos outros com o intuito de lhes legar o projeto divino que impulsiona a uma realidade de organização da vida que erradique a opressão, manipulação e, assim, a negação da liberdade. Por isso, não é admirável que o mar tenha se agitado, rebelado, na travessia, expressando insurreição do interior do homem, entraves, dificuldades e conflitos, contra a iniciativa, exigente de desprendimento, que oblitera a vivência regida pelo instinto egoísta a despeito de conseqüências maléficas para a vida social. A degradação humana é simbolizada na figura do homem possesso, situação dos homens gerasenos e hodiernos, encontrado à outra margem do mar. Neste homem está expressa a desfiguração da imagem humana à semelhança de Deus ao viver de maneira clandestina num cemitério, um morto vivo, excluído, nu, violento, incontido, mutilando-se. Era possuído por um demônio de nome Legião. No fato de que o maior destacamento do exército romano com mais de seis mil soldados fosse chamado de Legião está o desdobramento indicativo da mensagem de libertação. O enfrentamento de Jesus com a Legião aponta para o embate entre os princípios do Reino que militam contra o domínio dos poderes que subjugam o ser humano na esfera social e política negando-lhe a liberdade. Jesus se mostra mais forte ao arrebatá-la a “casa” que o espírito impuro possuía, o homem, permitindo-lhe entrar nos cerca de dois mil porcos que ao final precipitam-se monte abaixo. O homem curado, sentado, vestido e em perfeito juízo, não

* Especialista em Teologia Bíblica e Mestre em Ciências da Religião. E-mail: Igflavia@hotmail.com

impediu a reação dos porqueiros que movidos pela perda dos porcos pediram para que Jesus se retirasse. O episódio é inspirativo por mostrar que a boa notícia finda com todas as formas de dominação, extorsão da liberdade, da automação da vida e coerção social, pois o possesso é símbolo de um povo politicamente dominado, socialmente espoliado e ideologicamente manipulado. A questão ética, pertinente no tempo atual, que se ergue tem como fulcro o valor da vida livre. Jesus põe como centro de tudo a pessoa, os gerasenos põem os porcos, o lucro, o mercado. A narrativa evangélica instiga a atitudes promotoras de um legado para a conformação de uma sociedade que priorize a pessoa, pois o homem se torna um anunciador do Reino encontrando, assim, o seu lugar social. A análise do texto proposto se faz pertinente pelo caráter anti-humano da vida social e política imposta ao homem atual que, por vezes, nem se percebe castrado da liberdade que, contudo, faz colher seus reveses.

Palavras-chave: Jesus; boa notícia; libertação; opressão.

Introdução

O texto do Evangelho de Marcos 5,1-20 aborda a temática da abertura à propagação da boa notícia em terra pagã inspirando a atitudes na convivência social e vida política que preservem a liberdade da pessoa e não desfigurem sua imagem cristã. Essa narrativa se coloca após a travessia do lago de Genesaré com o enfrentamento da tempestade.

Para uma apreensão frutuosa do querigma da narrativa torna-se relevante a consideração do texto dentro do contexto dos relatos que envolvem o episódio do endemoniado geraseno bem como de todo o Evangelho. Isso porque o Evangelho foi elaborado dentro de um projeto literário de narrar a história de Jesus com um fim catequético de evidenciar que o crucificado é o Filho de Deus. Não uma história como se entende o termo nos tempos modernos, como uma biografia, mas antes com um propósito teológico tece relatos contínuos e coerentes, que apesar de um mínimo respeito à cronologia não se deixa dirigir por ela, sobre Jesus e seus discípulos que deram origem à Igreja. A lógica que liga os relatos, portanto, é teológica e não uma

biografia dos acontecimentos. Por isso na apreensão do sentido dos textos é preciso perceber o fio condutor teológico no qual a narrativa vai sendo construída tendo em conta que Marcos escreve muito pouco, pois o seu trabalho e sua maestria são conhecidos na junção das tradições já existentes a fim de fazer uma catequese narrativa para os cristãos do seu tempo por meio de técnicas de interpretação comumente usadas no judaísmo.

Dessa forma, utilizando de meios literários inspirados na tradição judaica para a atualização da Escritura, o escrito evangélico se torna uma resposta aos discípulos e discípulas que ao relerem a história de Jesus, no contexto da Palavra revelada do Antigo Testamento, buscam uma mensagem para o momento histórico em que vivem. Essa técnica de interpretação, que na verdade é bem mais do que uma simples interpretação de um texto por na verdade implicar em uma procura através da Escritura de uma palavra de Deus que seja resposta para uma nova situação histórica, se denomina de *derásh*.

Esse verbo em seu sentido original significa “buscar”, “procurar”. Por meio do evento de Jesus se interpreta as Escrituras a fim de que elas se tornem relevantes para a nova situação vivenciada. É a busca de uma palavra de Deus nas Escrituras a partir de Jesus, pois, os judeus não acorriam às Escrituras para pesquisar relatos de uma Palavra divina do passado, mas antes para procurar por meio do texto uma palavra para o presente, o que certamente era bem conhecido a Marcos quanto aos primeiros judeus-cristãos. Por isso, o mesmo faz o Evangelista, pois sua pretensão não é escrever para apenas guardar a memória da vida de Jesus, mas sim procurar uma Palavra viva de Deus nessa vida. Desse modo, para Marcos e seus contemporâneos, “a memória dos atos e das palavras de Jesus tem sempre como finalidade a *procurar* compreender as palavras e o agir do Senhor ressuscitado à sua Igreja no momento presente.”¹

Para tanto, diante do desafio da compreensão de Marcos 5,1-20, especificamente, resta ainda considerar, que Marcos escreve por volta do ano 70 e provavelmente elabora seu evangelho em Roma. É plausível o fato de que essa comunidade possa ter sentido a necessidade de colocar por escrito as tradições apostólicas após a morte de Pedro e Paulo. No momento em que Marcos descrevia a expulsão da Legião do homem geraseno, os exércitos romanos dominam e subjagam os povos. Através de memórias das palavras e ações de Jesus pode-se apreender alternativas evangélicas para a

¹ GOPEGUI, *Notas introdutórias ao Evangelho de Marcos*. 2010, 6f.

sociedade contemporânea, oprimida e espoliada na ausência e rejeição da boa notícia do Reino que prima pela liberdade e valorização da pessoa acima dos interesses egoístas e gananciosos enaltecidos hodiernamente.

1- O convite para ir à outra margem: o desafio da travessia (4,35-41)

Começando a narrativa de uma série de quatro relatos de milagres reunidos por Marcos no intuito de confirmar o poder messiânico e iluminar para a comunidade em que o evangelho é proclamado o poder do Kýrios capaz de salvar os discípulos nos embates do mal, está o episódio da tempestade acalmada seguido da cura de um possesso em terra pagã. Um texto cristológico, a grande tempestade, que antecede a chegada na terra dos pagãos, suscita a fé em Jesus mostrando que Ele tem o mesmo poder que Deus.

O relato da tempestade é um documento da primitiva cristologia que quer responder à pergunta sobre quem é Jesus e assim fundamentar a fé incondicional do discípulo. Por isso é inútil tentar descobrir algum fato concreto que estaria por trás do relato, embora não se possa excluir a hipótese de que uma ação de salvamento maravilhoso dos discípulos em alguma das travessias do lago de Genesaré o possa ter inspirado. Mas certamente o relato quer dizer muito mais.

Quer mostrar o poder de Jesus sobre os poderes malignos simbolizados pelas ondas do mar encrespado, equiparando-o ao poder soberano de Javé, apresentado no Antigo Testamento com uma imagem estereotipada, como o dominador das ondas do mar. O relato pode estar visando as perseguições e os perigos suscitados pela missão aos pagãos (como pode sugerir sua colocação na travessia na direção da Decápolis). Mas ele transcende quaisquer circunstâncias particulares para exprimir o poder absoluto de Jesus, Kýrios, equiparado ao domínio de Javé sobre o caos (GOPEGUI, 2010, p. 3).

No convite de Jesus aos discípulos para atravessarem o lago de Genesaré também chamado de mar da Galiléia ou Tiberíades, se encontra o chamado para romperem as fronteiras do território judeu a fim de adentrar em terras pagãs com a propagação da boa notícia do Reino.

Até então esse mar tinha sido palco de vocação e evangelização (1,16.19; 2,13; 3,7; 4,1), mas agora, durante a travessia que atende ao convite de Jesus para ir aos pagãos, atravessar o mar, ele se agita e se rebela. A tempestade se levanta justamente como se ergue os desafios e recusas para a abertura da comunidade aos pagãos. Atravessar, portanto, o lago, é abertura ao desafio, sair de si mesmo, pensar nos outros

com o intuito de lhes legar o projeto divino que impulsiona a uma realidade de organização da vida que erradique a opressão, manipulação e, assim, a negação da liberdade. Por isso, não é admirável que o mar tenha se agitado, rebelado, na travessia, expressando insurreição do interior do homem, entraves, dificuldades e conflitos, contra a iniciativa, exigente de desprendimento, que oblitera a vivência regida pelo instinto egoísta a despeito de conseqüências maléficas para a vida social.

Marcos faz questão de mostrar Jesus na barca esperando os discípulos decidirem a embarcar. Decisão que sinaliza para a abertura ao novo e diferente e por isso o mar agitado representa os entraves, dificuldades e conflitos que o projeto enfrenta. Em meio à tempestade chama à atenção a atitude de Jesus ao conseguir dormir em contraste com a atitude dos discípulos que se desesperam. Jesus acalma a tempestade e salienta para a falta de fé dos discípulos, pois a reação deles no lugar de ser marcada pela fé aparece banhada de medo e indagação sobre quem é Jesus.

Para a comunidade marcana que enfrenta o desafio da abertura aos pagãos marcada de conflitos a mensagem parece clara. Em Jesus não havia os embates externados nos discípulos em relação à travessia, a abertura à propagação da mensagem libertadora aos pagãos. Enquanto agitados não compreendem quem é Jesus evidenciando o equívoco e incompreensão dos discípulos na resistência à travessia.

2- A presença de Jesus liberta o povo da opressão (5,1-13)

Depois da travessia turbulenta Jesus e seus discípulos estão na região dos gerasenos do outro lado do Jordão. É a boa notícia ultrapassando o território da Palestina. O cenário a ser transformado causa enorme impacto logo na primeira cena após o desembarque.

Deparam com um possesso, morador de um cemitério, violento contra os outros, tido como louco (comparar com 5,15) e com forte tendência autodestrutiva. Além disso, não fala o que quer, mas o espírito impuro expressa o próprio desejo pela boca desse homem. Tem-se aí um alarde à manipulação do sistema opressor que subjugava o povo.

A degradação humana é simbolizada na figura do homem possesso, situação dos homens gerasenos e hodiernos, encontrado à outra margem do mar. Neste homem está expressa a desfiguração da imagem humana à semelhança de Deus ao viver de maneira clandestina num cemitério, um morto vivo, excluído, nu, violento, incontido, mutilando-se.

O diálogo entre Jesus e o espírito é duro. O espírito sabe quem é Jesus (enquanto os discípulos perguntam quem ele é) e o chama de “Filho do Deus Altíssimo”. “Conhecer o nome de alguém naquela cultura, é pretender dominar essa pessoa, ser mais forte que ela” (BORTOLINI, 2006, p. 104). Mas Jesus também ataca perguntando o nome do espírito impuro que responde demonstrando todo o seu poder: chama-se Legião.

O homem era possuído por um demônio de nome Legião. No fato de que o maior destacamento do exército romano com mais de seis mil soldados fosse chamado de Legião está o desdobramento indicativo da mensagem de libertação. O império romano oprime e explora os povos. O enfrentamento de Jesus com a Legião aponta para o embate entre os princípios do Reino que militam contra o domínio dos poderes que subjagam o ser humano na esfera social e política negando-lhe a liberdade.

Jesus se mostra mais forte ao arrebatou a “casa” que o espírito impuro possuía: o homem. Na cultura daquele tempo e lugar, o espírito impuro precisava de um corpo para sobreviver e agir. Não podia sobreviver nos ares como espírito. Pede uma nova morada e Jesus permite-lhe entrar nos cerca de dois mil porcos que ao final precipitam-se monte abaixo.

Para um judeu o porco é o animal impuro por excelência e o diabo pede para entrar nos porcos. Outra ironia percebida no texto está no fato de que o porco também era um dos símbolos dos romanos que com suas legiões dominavam o mundo inteiro. Enfim, os porcos se afogam e o espírito impuro morre com eles, os porcos, ou pelo menos fica sem casa, pois Jesus, o homem forte (3,27), arrebatou-lhe o que possuía.

3- A rejeição da boa notícia: a recusa ao desprendimento (5,14-20)

O homem curado, sentado, vestido e em perfeito juízo, não impediu a reação dos porqueiros que movidos pela perda dos porcos pediram para que Jesus se retirasse. Espalham a notícia, têm medo e pedem que Jesus vá embora.

Para os gerasenos uma pessoa livre não vale mais do que os dois mil porcos. Ao contrário de Jesus que põe como centro a pessoa, os gerasenos colocam os porcos, o lucro, o mercado. E fazem isso pressionados pela exploração econômica dos romanos. É oportuno lembrar que sobre esses porcos pesa o tributo do império romano. Mas, Jesus despreza tudo isso para salvar uma pessoa. Antes de ser curado o homem viva nu,

símbolo da espoliação econômica. Depois da cura está vestido. Jesus liberta da exploração econômica. Os gerasenos, porém, não aceitam a mensagem da libertação.

Como o possesso representa ainda um povo ideologicamente manipulado, Jesus também liberta da manipulação ideológica. O espírito imundo é que falava por meio do possesso, seu porta-voz. Agora, o homem liberto, será porta-voz de boas notícias expressando a própria vontade. No possesso exemplifica-se ainda um povo excluído tendo sua expressão no cemitério. Depois de curado o homem torna-se discípulo de Jesus, portanto, encontra seu lugar social, não é mais marginalizado.

A tudo isso, porém, os gerasenos rechaçam no convite para que Jesus se retirasse. Priorizam os interesses próprios a despeito do bem estar, da liberdade e dignidade do próximo.

Conclusão:

A situação do homem possesso descreve a condição do povo antes da chegada de Jesus, ou seja, da ausência dos princípios de liberdade inseridos na boa notícia do Reino na sociedade. Através do nome Legião, Marcos associa o poder do mal com o poder político e militar do império romano que dominava o mundo através de suas Legiões.

O poder do mal indicado na palavra demônio ou espírito impuro é o que desvia as pessoas do caminho de Deus, ou seja, que milita contra os desígnios do Reino. Mas a mensagem é clara: em Jesus ele é vencido. Em Jesus há inspiração para a libertação do povo que se encontra castrado em sua liberdade e oprimido pela ausência dos princípios da boa notícia na regência da sociedade.

Ensina à justiça, fraternidade, amor, desprendimento dos próprios interesses, ganância, sair de si para pensar nos outros. Ter a pessoa, o ser humano, acima da ânsia pelo poder e vantagens econômicas. Uma vida vale mais que uma manada.

O episódio é inspirativo por mostrar que a boa notícia finda com todas as formas de dominação, extorsão da liberdade, da automação da vida e coerção social, pois o possesso é símbolo de um povo politicamente dominado, socialmente espoliado e ideologicamente manipulado. A questão ética, pertinente no tempo atual, que se ergue tem como fulcro o valor da vida livre. Jesus põe como centro de tudo a pessoa, os gerasenos põem os porcos, o lucro, o mercado. A narrativa evangélica instiga a atitudes promotoras de um legado para a conformação de uma sociedade que priorize a pessoa,

pois o homem se torna um anunciador do Reino encontrando, assim, o seu lugar social. A análise do texto proposto se faz pertinente pelo caráter anti-humano da vida social e política imposta ao homem atual que, por vezes, nem se percebe castrado da liberdade que, contudo, faz colher seus revezes.

A finalidade do relato é suscitar a fé incondicional no Senhor Jesus, capaz de trazer a vida a Israel e ao mundo pagão. Mas, ao mesmo tempo se mostra que essa vida está em luta com os poderes do demônio que continuarão atuando no mundo enquanto o Cristo não for plenamente aceito por todos.

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

A BÍBLIA DO PEREGRINO. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BALANCIN, Euclides Martins. *O evangelho de Marcos: Quem é Jesus?* 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos.* 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Começo do Evangelho de Jesus Cristo Segundo Marcos: Tradução literal do grego com estruturação do texto.* Belo Horizonte: FAJE, 01 mar. 2010. 47f. Notas de Aula.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Notas introdutórias ao Evangelho de Marcos.* Belo Horizonte: FAJE, 01 mar. 2010. 6f. Notas de Aula.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *O discernimento dos ouvintes: anotações a Marcos 3,7-6,29.* Belo Horizonte: FAJE, 01 mar. 2010. 6f. Notas de Aula.

MESTERS, Carlos; LOPES, Mercedes. *Caminhando com Jesus: Círculos bíblicos do Evangelho de Marcos.* São Paulo: Paulus, 2003.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos: Grande comentário bíblico.* São Paulo: Paulinas, 1992